



Fernanda com de força **F**



Actriz como poucas houve, Fernanda Alves (1930-1999), é agora homenageada no Teatro Nacional São João. A instalação, até 21 Abril, é habitada pela memória, mais do que o fantasma, de uma actriz irrepetível. Hoje é hoje é Dia Mundial do Teatro

Tiago Bartolomeu Costa

Morreu aos 69 anos, duas semanas antes de estrear *Barcas*, onde seria o Anjo que lançava sérias observações sobre aqueles que, na Terra, haviam decidido tomar em mãos o seu próprio destino e agora, no rio onde as barcas do Anjo e do Diabo os esperavam, tentavam representar outra vida. 6 de Janeiro de 2000, Porto. Fernanda Alves foi encontrada no quarto de hotel. Todos tinham estranhado o seu atraso no ensaio do espectáculo que Giorgio Barberio Corsetti encenava, para o Teatro Nacional São João, a partir de Gil Vicente. “A cigarreira e o livro abertos na mesa de cabeceira, o colar em cima da cama...”, como teve que ver Ernesto Sampaio, poeta, tradutor,

marido e cúmplice que, com ela, “eram um”.

Hoje, às 14h, quando a exposição *Fernanda Alves – Imagens, sons, impressões* for inaugurada no salão nobre desse teatro que conheceu bem, o que a instalação assinada pelo director artístico Nuno Carinhas irá homenagear é “uma mulher que mesmo à beira da morte não abria mão do seu comprometimento com o que a rodeava”, como escreveu o actor e encenador Miguel Loureiro num texto para o programa.

“Para mim, enquanto actriz, nunca se trata de reproduzir um fragmento do real, mas sim de exprimi-lo. Por outras palavras, não se trata de viver as personagens, de entrar na sua pele; parece-me mais produtivo dar testemunhos delas”, disse Fernanda em entrevista à revista *Cadernos*, do Teatro Municipal de Almada, que a homenageou na edição de 1997 do festival então dirigido por Joaquim Benite.

“O teatro é, antes de mais nada, a criação do actor.” Por isso, “nada para além da memória da Fernanda,

nada sem a Fernanda, e nada para a frente sem a imaginar envolvida”, diz Fernando Mora Ramos, que concebeu *Fernanda – Quem falará de nós, os últimos?*, evocação que hoje tem a sua última apresentação no Mosteiro de São Bento da Vitória, com entrada livre. “A Fernanda Alves, em cena, dava corpo ao que intuía ser um teatro ancorado na história, desenvolvendo um trabalho gestual ímpar e um tipo de jogo que recusava os estereótipos, rejeitando a obsessão da frontalidade e aplicando-se num jogo que era profundamente corporal.” Uma actriz culta “que não gostava de banalidades, que era invulgarmente exigente em todos os aspectos da sua vida”, escreveu o crítico João Carneiro no jornal *Expresso*, após a sua morte. Fernanda Alves trabalhava muito e sempre “com uma alegria talvez só comparável à alegria de quem a via representar”, continuava. Dizia ela: “Só se justifica um esforço muito grande quando se é muito feliz. A partir do momento em que já não se é muito feliz num sítio, não se justifica que se esteja a sofrer.”

Quando morreu, o imenso vazio que deixou em mais ninguém não foi tão grande como foi negro em Ernesto Sampaio. No livro-suicídio, *Fernanda*, a capa de pele negra tinha cravada, a lágrimas vermelhas de sangue, a tentativa de transformação de um nome num corpo que já não existia. Escreveu, sobre o vazio negro dos dias: “Desde que morreste, nunca mais limpei nem arrumei nada em casa. Folhas de jornais velhos voam no corredor. Não pode ser, até os animais começam a sentir-se incomodados. Hoje, mais de quatro meses passados sobre o teu desaparecimento, peguei no balde, na esfregona, no aspirador e atirei-me ao trabalho. Esta é a tua casa. Os teus livros estão aqui, e a tua colecção de artes tribais, os teus quadros, as tuas recordações de teatro.” Eram estes os olhos de quem a via a ser vista pelos outros e a esperava em casa depois de ser “a Fernanda no *Pranto de Maria Parada*, na *Porteira do Novo Inquilino*, na *Madame Péta* de Rosa do *Oh Papá...*, na *Bettia da Mosqueta*, na

Fan Chin Ting da *Grande Imprecação*, na Pôncia da *Casa de Bernarda Alba*, na *Candidinha de O Gebo e a Sombra*, na *Esgrinía de Os Gigantes da Montanha*, no *Fausto*, no *Clamor*, no *Poder do dinheiro*, no *Cerco de Leninegrado...* que grande, que maravilhosa actriz!”

Esteve em todas as peças, e em todas as lutas, em todas as companhias e em todos os palcos. “Vivi tempos difíceis, em que a exigência de um teatro sério, interveniente, esteticamente ambicioso, parecia relegada para os domínios da utopia, para já não falar daqueles em que o velho edifício do teatro português começou a abrir fendas assustadoras, desligado de tudo quanto havia de vivo na nossa colectividade”, disse em 1997. E por isso fundou Os Bonecreiros, antes de darem origem à Comuna, em 1972, porque recusou o projecto de “um grupo que tentou estabelecer-se num ambiente urbano”. Fundou A Barraca, onde viria a conhecer Nuno Carinhas, foi, lembra Mora Ramos, “o grito imóvel na duração dos astros” de *A Grande*



JOÃO TUNA



Imprecação Diante das Muralhas da China, de Tankred Dorst, encenado por Mário Barradas em 1974 às escondidas do regime na ilha que era o Goethe Institut, espectáculo, recorda Miguel Loureiro, "lido como um sinal da revolução iminente". Fernanda Alves era "o expoente por excelência da eloquência, da ligação e da compreensão exacta do que é a palavra bem dita", disse Luís Madureira que com ela trabalhou largos anos. Depois o Teatro Experimental de Cascais, o Experimental do Porto, o Dona Maria II. Um dia, no *Jornal de Letras*, perguntaram-lhe: "Não se sente uma 'mercenária' por ter trocado o teatro independente pelo Nacional?" A resposta: "Sinto. Troquei o apostolado por uma vida de luxo e dissipação [risos]. Sabe quanto ganho? O mesmo que um sargento (estão mal pagos os sargentos, diga-se de passagem). Querem palhaços de borla e ainda nos insultam! Por mim, aqui e agora, enquanto esta sociedade não for digna do meu respeito e me respeitar, podem meter o apostolado, com todas as

suas honras e carismas, num sítio que eu cá sei".

Agente político e social activo

Hoje, 27 de Março 2013, Dia Mundial do Teatro, na mensagem oficial que todos os anos o Instituto Internacional do Teatro pede a uma figura de relevo, é Dario Fo, o encenador, actor e autor italiano quem escreve: "Os governantes já não se preocupam em controlar quem os cita com ironia e sarcasmo, uma vez que os actores não têm espaços nem público que os veja". Mas isto dizia Fernanda Alves em 1997: "Parece que o que é bom para a economia, é mau para a vida das pessoas. Há nisto algo de nebuloso, de charlatanesco. Seria melhor que se deixassem de parolagens pseudo-científicas e apontassem claramente o que parece ser o grande ideal moderno dos capitalistas: ficarem sozinhos nas empresas, rodeados de máquinas e de dois ou três guarda-costas". 1997, disse ela. Parecem os dias de hoje, não é? Há mais: "As vedetas que aparecem hoje nas páginas das revistas não são

actores, são banqueiros, pessoal da finança, gurus da economia". "Como não admirar esse compromisso com a reflexão sobre uma arte (a sua) que hoje, cada vez mais, se sustenta no frívolo?", pergunta o actor e encenador Miguel Loureiro. Como não admirar? "A Fernanda Alves era o exemplo de uma postura extraordinária de actriz enquanto agente político e social activo, fora das lógicas do mercado da imagem que hoje imperam". "Não é de admirar que, entre nós, dizer mal tenha atingido o estatuto de arte refinada, assim como invejar seja a actividade primacial e infatigável". Acreditava Fernanda que tal se devia "ao efizema da nossa cultura, que no caso particular do teatro se traduz numa crónica falta de ar". "O caso de 'uns' significa que a nossa sociedade, ou melhor, a gente de posses, poder e mando, que lhe move os cordelinhos, está-se de facto nas tintas para as artes e para a cultura em geral, ao mesmo tempo que precisa de álibis para parecer que não está." Não tivesse morrido e teríamos ouvido, voz sábia, funda, es-

perta, dizer, então como hoje, o que disse o Anjo a tal Fidalgo, convencido de que das suas práticas resultaria o bem dos outros: "Não vindes vós de maneira pera entrar neste navio. Não se embarca tirania neste batel divinal. Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca. Essoutro vai mais vazio: a cadeira entrará e o rabo caberá e todo vosso senhorio. Ireis lá mais espaçoso, vós e vossa senhoria, cuidando na tirania do pobre povo queixoso. E porque, de generoso, desprezastes os pequenos, achar-vos-eis tanto menos quanto mais fostes fumoso." O que Fernanda Alves defendia, na crença absoluta no poder de transformação, era um teatro – a esperança – na hierarquia de uma nova ordem mundial. Hoje é Dia Mundial do Teatro e as razões são tão poucas para celebrar. Continua sem se saber os resultados dos concursos de apoio à criação por parte da Direcção-Geral das Artes, impedindo as companhias de planear o seu futuro, os profissionais de planear a sua vida e os espectadores de planear onde se poderão projectar. As temporadas dos teatros

Fernanda Alves (com Luís Madureira), em 1997, no TNSJ, durante os ensaios de *Músicas para Vieira*, direcção musical de Egberto Gismonti, direcção cénica de Ricardo Pais

arriscam cada vez menos planos a longo prazo, diminuindo a apresentação de espectáculos, não apenas em dias mas em efectiva produção. Faltam as redes e a circulação, falta um sistema de protecção aos profissionais, para o garante de que ao teatro é dada a resposta política que devolvesse a esperança que o teatro dá, essa sim, gratuita.

A única solução para a crise, acredita Dario Fo, "reside na esperança de uma grande caça às bruxas aos que estão contra nós, e sobretudo contra os jovens que querem aprender a arte do Teatro: só assim nascerá uma nova geração de comediantes que aproveitará desta nossa experiência e dela tirará benefícios inimagináveis na procura de novas formas de representação".



**DIA MUNDIAL
DO TEATRO**
**FERNANDA ALVES,
A MEMÓRIA
DE UMA ACTRIZ
IRREPETÍVEL NO
TEATRO NACIONAL
DE SÃO JOÃO**

Cultura, 30/31

